

## Super-Heróis de Verdade

---

*Walter Longo*

O Dia dos Pais tornou-se uma simples celebração comercial, uma efeméride que leva hordas de compradores aos shoppings numa busca rápida e despreocupada por um presente qualquer que marque a data e permita a sensação de dever cumprido. Diferentemente das mães, que sem querer acabam gerando nos filhos aquela eterna sensação de débito, os pais não se ligam muito no que ganham, e qualquer pijama ou gravata acaba cumprindo seu papel.

Hoje tenho 46 anos e verifico que minha geração não parou para pensar no que foi ser pai na última metade deste século. E, por isso, talvez não se dê conta da importância da data e do significado da celebração. Do contrário, marcaria o fato no panteão da Pátria, e comemoraria com feriado nacional, daqueles dedicados apenas aos nossos super-heróis.

Meu pai nasceu em 28, período de dura recessão mundial, quando nem só as quintas-feiras eram negras. Ainda criança, morando ao lado do Campo de Marte, ajoelhava-se no quintal com medo dos paulistinhas em seus vãos rasantes numa disputa suicida contra o poder central. Aos onze anos começou a ouvir que o mundo tinha entrado numa guerra de proporções e prazos imprevisíveis. A família italiana se reunia em volta do rádio, dividida no seu sentimento e amedrontada perante os fatos e acontecimentos que se sucediam.

Aos dezoito saiu do interior e veio tentar a vida em São Paulo, morando em pensão, andando de bonde e agarrando três empregos para sustentar o estudo, naquela época privilégio de poucos. Casou por amor, começo difícil, orçamento apertado e casa alugada.

Durante 30 anos manteve sempre três empregos para sustentar a família. Sábados e domingos fazia plantão como corretor de imóveis para completar o minguado salário de professor. O primeiro carro não foi uma compra. Foi uma conquista. Suada, preocupada com as prestações que se enfileiravam à frente. Passou a vida honestamente enquanto via gente ao seu lado enriquecer aproveitando os arrepios da lei e a crise moral que se abatia sobre o país.

Inflação ia e vinha. E cada vez vinha pior, tragando a poupança suada e transformando dinheiro em fumaça. Réis, cruzeiro, cruzado, cruzado novo e cruzeiro de novo. Cortavam-se os zeros e a esperança dos que tentavam sobreviver honestamente. Criou seus filhos, manteve o carinho e respeito da esposa, tratou com dignidade e consideração as pessoas a sua volta e, até hoje, jamais abriu mão de suas convicções. Um herói. Anônimo na sua expressão pública e discreto na manifestação de suas qualidades.

Como ele talvez existam muitos. Gente que passou por uma das fases mais negras da história deste país, e que saiu do outro lado inteiro,

íntegro, respeitando e respeitado. Dignos de uma estátua em praça pública mas que, independente disso, já estão para sempre em lugar de destaque no coração de cada um de nós.